

>Além do devir-animal: a cocriação egoísta da individualidade em um enterro budista de cachorros robôs

>Beyond becoming-animal: the egoist co-creation of individuality in a robot-dogs Buddhist funeral

por Guilherme Castro Nunes Mesquita

Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia do Direito e Pensamento Político (UFPB). E-mail: guiga_mesquita@hotmail.com. ORCID: 000-0002-9827-6499.

por Newton de Oliveira Lima

Professor Adjunto IV, lotado no Departamento de Ciências Jurídicas do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da UFPB. Líder do Grupo de Pesquisa Filosofia do Direito e Pensamento Político (UFPB), que possui as linhas de pesquisa: Filosofia kantiana do Direito; Filosofia dos Valores Juspolíticos. E-mail: newtondelima@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0459-6978.

Resumo

O pensamento egoísta de Max Stirner povoou a reflexão crítica desde o século XIX até à contemporaneidade, servindo como uma das bases para o movimento do anarco-individualismo. Entretanto, sua estrutura serve como início para uma aceleração da desconstrução da noção de *individualidade* – não mais lida, aqui, como uma essência presente em cada ser, mas como uma categoria viva que transpassa os corpos de quaisquer tipos de entidades que povoam o real e imaginário. Este artigo é uma tentativa de expor tais significados e compreender essa relação como uma possibilidade de cocriação da *individualidade*, a partir do estudo da noção de *devir-animal*, em Julian Langer, e do evento do funeral budista de cachorros robôs no templo budista Kofuku-Ji, em Chiba, no Japão, em 2018.

Palavras-chave: Egoísmo. Individualidade. Budismo. Devir-animal.

Abstract

Max Stirner's egoist thought populated the critical thinking from the XIX century up to the present, serving as one of the bases for the individualist anarchism movement. However, its structure serves as a start for an acceleration of deconstruction of the notion of *individuality* – here no longer read as an essence present in every being, but as a living category that permeates the bodies of any kinds of entities that populates the reality and the imaginary. This article is an attempt to expose these meanings and understand this relationship as a possibility for the co-creation of *individuality*, from the study of the notion of *becoming-animal*, in Julian Langer, and the Buddhist funeral for robot dogs at the Kofuku-Ji Buddhist temple in Chiba, Japan, in 2018.

Keywords: Egoism. Individuality. Buddhism. Becoming-animal.

> Artigo recebido em 14.06.2021 e aceito em 16.10.2021.

1. Max Stirner e seus conceitos iniciais

A categoria da individualidade é, certamente, o conceito de maior importância dentro da teoria egoísta. O *Único*, o vazio indescritível que sobra ao reduzir ao máximo cada individualidade que persiste como possuidor-criador, é o tema central da obra elaborada por Max Stirner. E é justamente por isso que devemos acelerar e questionar tal noção, expandindo-a aos seus extremos para compreender intimamente o que significa, de fato, ser um *indivíduo*. Na obra de Stirner não há uma noção clara de *individualidade*, mas sim do *Único*.

Para tal questionamento, alguns conceitos do autor precisam ser aqui apresentados: o *Único* é o indivíduo em sua última redução, que se identifica como indescritível, intransponível, impossível de ser catalogado. Qualquer forma de defini-lo é um escape, pois exclui a possibilidade. “Eu, que sou esse nada, farei nascer de mim mesmo as minhas criações”¹. É, assim, um vazio, um nada político que persiste existindo no mundo a partir do apropriar-se.

Os conceitos são chamados de *ideias fixas, fantasmas, espectros, assombrações*. São as criações da consciência que tomam forma e vida, se erguendo contra seu criador e o alienando. A consciência aqui é, em um sentido que deriva da noção Hegeliana de espírito, incorporada pelo autor alemão como a própria consciência independente dos sujeitos, a criadora das ideias que alienam os *Únicos*:

Não vives para ti, mas para teu espírito e para o que é próprio dele, ou seja, as ideias [...] Tu és um fanático contra tudo o que não é espírito, e por isso te insurges contra ti próprio por não conseguires livrar-te de um resto de matéria não espiritual.²

Deus, Religião, Estado, Capital, Nação, Povo, Classe Social, Sexualidade e Gênero são alguns exemplos de ideias, de criações fantasmagóricas do espírito que estão com a existência ameaçada. O indivíduo que se percebe como *egoísta* irá, então, se erguer contra o mundo, buscando não mais ser definido pelas ideias

¹ Max Stirner, *O Único e sua Propriedade*, 2009, p. 302.

²*Ibidem*, p.44.

fixas, mas sim pelo que ele próprio bem quiser – esse processo é chamado de apropriação.

Existir no mundo é apropriar, e o Único persiste existindo ao adquirir e possuir propriedades: estas podem ser não apenas as físicas, mais óbvias, mas também seus afetos, desejos, sentimentos, valores, amizades, inimizades, amores. Para ter mais segurança (e também deleite), o egoísta se junta a outros egoístas em alianças que dependem apenas da criatividade de seus membros para as definirem, em que diferentes indivíduos se associam com o intuito de aumentar seu poder coletivo, de exercer sua vontade contra o mundo a partir do ato de apropriar-se. A cocriação, nesse contexto, é algo de suma importância:

Eu, o egoísta, não me empenho particularmente nessa ‘sociedade dos homens’ e em seu bem-estar, não me sacrifico por ela, limito-me a servir-me dela; mas para poder me servir plenamente dela, transformo-a em minha propriedade e minha criatura, ou seja, destruo-a e construo em seu lugar o clube dos egoístas.³

Voltando assim ao tema da individualidade em Stirner, é possível aplicar seu método crítico à sua própria teoria – ou seja, reconsiderar a individualidade como sendo ela mesma uma ideia fixa, uma criação espiritual que deva ser superada criativamente e reconstruída de diversas formas. O que pode ser compreendido, então, como individualidade? Quais as consequências de sua crítica para as práticas de cocriação e coexistência?

2. Individualidade contra individualidade: o que sobra quando tudo se quebra?

Em primeiro plano, os embates mais óbvios ocorrem no campo de nossa própria subjetividade: minha *individualidade* sou eu mesmo? O Único não se confunde com a individualidade. Afinal, este não pode ser contido por nenhum conceito, já que sua estrutura plástica escapa de qualquer forma de essencialismo ontológico. É o que explica Nassick:

³*Ibidem*, p. 231.

O indivíduo é sempre “um diferente”, ou melhor, “ele próprio”, porque ser rotulado de diferente, significa dizer o que ele não é: não é o padrão desejável, e, portanto, condenável em sua forma de ser. Ser ele próprio é o sentido da individualidade ou personalidade a que Stirner se refere. Por esta razão, a individualidade em Stirner pressupõe e contempla a idéia da multiplicidade, uma vez que a individualidade não se reduz nem se aproxima da igualdade, enquanto padrão que homogeneiza.⁴

É mesmo por esse motivo que a individualidade – ou a sua adoção mais usual, que não contempla a multiplicidade plástica – pode estar em xeque; e até em perigo. A individualidade (ou parte dela) pode ser cooptada e transformada em um objeto distanciado de mim, como o que ocorreu na venda ilegal de dados privados em redes sociais e na transformação do uso destes dados por serem comercializados livremente. Um exemplo disso foi o escândalo da venda de dados pessoais identificáveis que a empresa *Facebook* forneceu à *Cambridge Analytica*, em que as informações de mais de 87 milhões de usuários foram expostas. Comentando acerca do caso, Isaak e Hanna lembram que:

A onipresença da coleta, armazenamento e análise de dados em nossos dispositivos, sistemas, aplicativos e plataformas de mídia social – destinadas a personalizar experiências, otimizar vendas e maximizar o retorno – tem sido disruptiva na formação da economia global, do fluxo de ideais e no acesso à informação que resultou no avanço da inovação em todo o mercado de informação.⁵

Tal perspectiva é lembrada por Byung-Chul Han em sua obra *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. A individualidade, ou parte desta, se torna uma *commodity* ao se transformar em dados, replicando-se em uma massa amorfa de capital cibernético que será reutilizada contra mim mesmo.

Atualmente, o *Big Data* não se manifesta apenas na forma do Grande Irmão, ou seja, do Big Brother, mas também de um *Big Deal*. Antes de tudo, os *big data* são um grande negócio: os dados pessoais são completamente monetarizados e comercializados. Hoje, as pessoas são tratadas e comercializadas como pacotes de dados que podem ser explorados economicamente. Assim, elas próprias se tornam mercadoria.

⁴ Clóvis Kassick, *Stirner: a Filosofia do Eu*, 2005, p. 56.

⁵ “The ubiquity of data gathering, storage, and analytics on our devices, systems, applications, and social media platforms—aimed at personalizing experiences, optimizing sales, and maximizing return—have been disruptive in shaping the global economy, the flow of ideas, and access to information that resulted in the advancement of innovation around the information marketplace.” Jim Isaak e Mina J. Hanna, “User Data Privacy: Facebook, Cambridge Analytica, and Privacy Protection”, 2018, p. 56-57. Tradução nossa.

Big Brother e big deal se aliam. O estado de monitoramento e o mercado se tornam um.⁶

Aqui ocorre um grande e importante choque para o tema que estamos tratando: da capacidade de a individualidade ser, ela mesma, um termo plástico, uma ideia fixa, que deve ser reconquistada criativamente a partir do egoísta em suas cocriações. Ela pode, ainda, ser explorada de formas múltiplas, existindo como uma tensão conceitual e ontológica de diversas formas, podendo ser reconstruída de formas mais consensuais e voluntárias entre coexistências egoístas, isto é, de indivíduos que se associam para tal intuito.

Para o autor coreano, as individualidades são capturadas digitalmente e transformadas em blocos desconexos de informação que retroalimentam as próprias dinâmicas de captura. Han afirma que isso cria um círculo vicioso de controle no qual a subjetividade é forçada a decair cada vez mais no uso irrestrito das redes sociais, sendo transformada, inconscientemente, em uma fábrica de criação de dados com o intuito de criar, reproduzir-se e aumentar as eficácias de controle. Partes do próprio eu são reconstruídas em dados à parte do sujeito, em blocos de informação que se apropriam da própria individualidade, ainda que originalmente tenham feito parte dessa.

O sujeito contemporâneo é um empreendedor de si mesmo que se autoexplora. Ao mesmo tempo, é um fiscalizador de si próprio. O sujeito autoexplorador traz consigo um campo de trabalhos forçados, no qual é ao mesmo tempo carrasco e vítima. Como sujeito que expõe e supervisiona a si próprio, ele carrega consigo um pan-óptico no qual é, de uma só vez, o guarda e o interno. O sujeito digitalizado e conectado é um pan-óptico de si mesmo. Dessa maneira, o monitoramento é delegado a todos os indivíduos.⁷

Nesse exemplo muito breve, um ponto fica claro: a individualidade não é o próprio indivíduo. Ela pode ser manipulada, alienada, transformada e aniquilada. Como exposto pelo autor coreano, partes da própria individualidade podem ser capturadas e utilizadas contra mim mesmo, existindo como propriedade alienada e independente de mim. A forma como o outro me vê não é

⁶Byung-Chul Han, *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*, 2018, p.90.

⁷*Ibidem*, p.85.

a mesma em que eu me vejo, e isso se estende a toda a comunidade humana, pois sou um indivíduo distinto no olhar de cada um.

Se tal processo será maléfico ou benéfico, isso dependerá das dinâmicas sociais em que cada um está inserido. No caso digital, o risco de esse processo se estender em redes cada vez mais maléficas é óbvio. No entanto, ao colocar a própria individualidade em xeque como conceito é possível encontrar falhas em sua estrutura como ideia fixa, permitindo uma exploração criativa e sua recriação coletiva em associações consensuais – como veredas dentro de seus significados, que servem como trincheiras para os egoístas que as desejam explorar.

Nós podemos expandir isso de forma ainda mais provocadora: A individualidade é múltipla pois também depende do olhar do outro, além de ser um objeto mutável e passível de tornar-se propriedade; mas e dentro de mim? É o que identifica Saul Newman em seu *Guerra ao Estado: o Anarquismo de Stirner e Deleuze*. Ele afirma que em Stirner é possível enxergar o começo de uma crítica à própria noção de *Ego*, noção esta fadada ao fracasso por ser um exercício do próprio poder que é antagônico e delimitador às dinâmicas plásticas que constituem o Único. “Da mesma forma, para Stirner, o sujeito humano essencial aprisiona o ego, tentando capturar suas pluralidades e fluxos em um único conceito”⁸.

Certamente, não sou apenas *uma* individualidade. O poema *Song of Myself* do autor norte-americano Walt Whitman demonstra isso de forma artística: “Eu me contradigo? Pois muito bem, eu me contradigo. Sou amplo, eu contendo multidões”⁹. A individualidade é algo que transpassa o sujeito, que percorre caminhos múltiplos dentro de comunidades humanas e não-humanas; é parte de todos, mas *propriedade* última de ninguém. Posso ser um indivíduo, mas contendo em mim um número de individualidades que jamais poderei

⁸ Saul Newman, “Guerra ao Estado: o Anarquismo de Stirner e Deleuze”, 2005, p.17.

⁹ “Do I contradict myself? Very well then I contradict myself, (I am large, I contain multitudes).” Walt Whitman, *Leaves of Grass*, 2007, p. 104. Tradução nossa.

avaliar com precisão. Além de múltiplas, elas são transitórias. Poderia ser, eu mesmo, uma *união dos egoístas*? Certamente a resposta é positiva.

Nessa breve exploração das veredas da individualidade ficam nítidas as possibilidades de exploração criativa que podem ser realizadas pelos egoístas. A partir destes limites é possível chegar ao entendimento dessa categoria não mais como um tipo de essência, mas como algo vivo que transpassa a própria *humanidade* e atinge diversos tipos de seres –algo não mais fixo, mas reconstruído perpetuamente por agentes distintos e, conseqüentemente, dinâmico e plural.

A cocriação, nesse contexto, não é mais um mero ato político, mas ontológico e intersubjetivo. Por essa razão, a seguinte afirmação pode ser elaborada: a noção de individualidade de Max Stirner pode (e deve) ser expandida para outras formas de inteligência, como a dos animais, espíritos e robôs – expandindo de múltiplas formas as possibilidades de cocriação e a capacidade de associações. Tal noção, em um sentido psicológico e social, serve como ponte para construirmos uma segunda provocação: a individualidade, múltipla dentro da experiência humana, não é o seu limite. Sendo assim, apenas os humanos possuem individualidade?

3. Devir-animal e a intersubjetividade de tudo que pode existir

Em seu texto *Uma destruição eco-egoísta do ser-animal e especismo*, Julian Langer realiza uma exploração sobre as diferentes respostas políticas anticivilizatórias para os problemas do antropoceno, criticando-as com base em sua relação com os ideais humanistas. O Humanismo, termo muito caro a Max Stirner, era para o filósofo a ideologia política dos Jovens Hegelianos:

Para o autor, não bastava que a filosofia e a cultura abandonassem Deus, como queriam seus contemporâneos jovens hegelianos, se não abandonassem com ele sua autoridade abstrata sobre o indivíduo e, assim, colocassem uma nova autoridade abstrata em seu lugar, fosse o homem, ou os diversos tipos de humanismo. Com eles Stirner confronta o seu único-proprietário. Primeiro ele se depara com o humanismo político (no

Estado), depois com o social (na Sociedade) e, por fim, com o humanismo filosófico.¹⁰

Dentro dessa perspectiva, o Humanismo que Stirner irá criticar advém da noção de um dos seus principais expoentes: Ludwig Feuerbach. Para ele, a teologia é uma antropologia disfarçada, pois tudo que o homem fala de Deus ele está, na verdade, falando de si mesmo. Feuerbach era membro da Esquerda Hegeliana que fora duramente escrachada por Stirner.

O ser absoluto, o Deus do homem é a sua própria essência. O poder do objeto sobre ele é, portanto, o poder da sua própria essência. Assim, é o poder do objeto do sentimento o poder do sentimento, o poder do objeto da razão o poder da própria razão, o poder do objeto da vontade o poder da vontade.¹¹

Nesse encerramento do humano como uma categoria determinística, encontramos um dispositivo de controle. O real deverá ser o humano, o possível deverá ser o humano, e tudo o que representar um afastamento disso sofrerá as consequências de tais transgressões. Tudo será, eventualmente, humano e nada além disso. A recusa Stirneriana à conceitualização e à cristalização de práticas existenciais deriva desta noção: todo conceito é o encerramento de uma vontade que exclui a transgressão e a sacraliza como o necessário.

Por isso o *Único* é indescritível, pois qualquer tentativa de o fazer acarretaria em uma exclusão do possível, em um enclausuramento do que pode ser real como um virtual que aliena a si mesmo. É o que explica John Welsh, antevendo o argumento centrado no egoísmo humanista que é criticado por Julian Langer:

Feuerbach ainda anseia pelo 'outro mundo' da religião. Ao contrário do cristianismo, deseja trazê-lo para a Terra. Stirner lança um desafio aos humanistas ao afirmar que é indiferente se a forma ideal de humanidade é vista externamente como Deus ou internamente como a 'essência do homem'. A pessoa não é Deus, tampouco 'homem'. A pessoa não é algum tipo de essência suprema exterior, tampouco uma essência suprema interior. A pessoa não pode ser reduzida a uma essência ou a uma espécie.¹²

¹⁰ Rodrigo Ornelas, "Max Stirner, os limites do sujeito na esquerda hegeliana e um ponto de virada na filosofia", 2015, p. 2.

¹¹ Ludwig Feuerbach. *A Essência do Cristianismo*, 2007, p. 38.

¹² "Feuerbach still yearns for the 'other world' of religion. Unlike Christianity, he wants to bring it to earth. Stirner issues a challenge to the humanists by saying that it does not matter whether the

Justamente por não poder ser reduzida a uma essência ou espécie é que a figura do *egoísta* pode ser estendida a outros tipos de inteligências e individualidades; não sendo, então, algo exclusivo da humanidade. Relembrando a crítica realizada a Feuerbach, a construção (ou perpetuação) da centralidade do humano como medida de todas as coisas gera limites conceituais à individualidade, os quais uma perspectiva Stirneriana simplesmente não consegue incorporar. O Único não é e não pode ser do humano – ou apenas deste.

Misantropia é outro preconceito coletivista chato, como o antissemitismo, a misoginia, o ódio racial e por aí vai, que reduz indivíduos a estereótipos; e, do mesmo jeito que vejo indivíduos cuspiendo a retórica do ‘The Great Replacement’ com um sentimento de desapontamento com o quão estúpidos eles podem ser, misantropos me encham com um sentimento de revolta com o quão rasa e abominável as suas retóricas podem ser.¹³

Aproximando-se dessa discussão e servindo como um mapa para explorar as veredas da individualidade do que escapa do humano, Julian Langer realiza uma importante descoberta: a misantropia é uma categoria tão absurda quanto o Humanismo, e sua afirmação é implícita em termos inversos. O ódio ao humano como destruidor do ecológico é, na verdade, o prazer secreto de se reconhecer como o Deus da destruição.

Langerre lembra o conceito *despeciesism* (especismo) de Peter Singer e apresenta os termos *species-being* (ser-espécie) e *becoming-animal* (devir-animal), introduzindo-os como importantes mecanismos de análise tanto para superar a dicotomia entre o Humanismo e a misantropia quanto para compreender a totalidade dos seres vivos como, também, indivíduos. *Ser-espécie* (*species-being*) é a redução de um animal à sua espécie, não a uma individualidade. É a possibilidade de ver o outro não-humano como indivíduo, e

ideal form of humanity is viewed externally as God or viewed internally as the ‘essence of man.’ The person is neither God nor ‘man.’ The person is neither some sort of supreme outward essence nor a supreme inward essence. The person cannot be reduced to an essence or to a species.” John F. Welsh, *Max Stirner’s Dialectical Egoism: a new interpretation*, 2010, p. 63. Tradução nossa.

¹³ “Misanthropy is another boring collectivized prejudice, like anti-Semitism, misogyny, ethnic-hatred, homophobia and soon, that reduces individuals to stereotypes; and, in the same way that I look at individuals spewing the rhetoric of ‘The Great Replacement’ with a feeling of disappointment for how utterly stupid they are, misanthropes fill me with a sense of revolt for how shallow and abhorrent their rhetoric is.” Julian Langer, “An Eco Egoist Destruction of species-being and speciesism”, 2021, s.p. Tradução nossa.

não como gato, cachorro, rato, barata, cajueiro. *Especismo (speciesism)* é a noção de que apenas uma espécie é, de fato, sujeito — a humana —, e que esta determina a lógica da ideologia totalitária que cria a hierarquia das espécies. Nas palavras de Peter Singer:

O especismo – a palavra não é bonita, mas não consigo pensar num termo melhor – é um preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos interesses dos membros de outras espécies. [...] Se a posse de um grau superior de inteligência não dá a um humano o direito de utilizar outro para seus próprios fins, como é que pode permitir que os humanos explorem os não humanos com essa intenção?¹⁴

O *devir-animal (becoming-animal)* é nossa aproximação à potência de tornarmos algo diferente, de procurarmos existencialmente um limiar entre a experiência do humano e a experiência de ser um animal humano. O exemplo que Langer dá para tal dicotomia de ação política é o dos homens que se tornam animais: Gregor Samsa, *skinwalkers*, bruxos, lobisomens, homens-jaguares e outros *monstros animais*. Ao contrastá-lo com a normatividade social da experiência humana, o devir-animal significa rebelião:

Esse individualismo radical é uma expressão do egoísmo antiespecista. Eu afirmo todo ser vivo como os indivíduos únicos que eles são, como membros de uma união antirreducionista dos egoístas que inclui todos os indivíduos da flora, da fauna e minerais. Meus desejos são atraídos para a liberação de todos os indivíduos. O bem-estar ecológico, que é meu próprio bem-estar e meu interesse pessoal, é atraído pelo bem-estar de toda vida e pela destruição da maquinaria antropológica que reprime suas vidas — e a minha. Essa é a total liberação, não como uma causa revolucionária humanística qualquer, mas como um devir-desejo de criação/vida. [...] Para afirmar o indivíduo, é preciso destruir a espécie.¹⁵

A experiência do homem que se torna animal é lida em um contexto antropológico: representa um desvio da própria sociedade, capaz de transformarem potência materializada a vontade de romper com a normalidade

¹⁴ Peter Singer, *Libertação Animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelo direito dos animais*, 2010, p.19.

¹⁵ “This radical individualism is an expression of anti-speciesist egoism. I affirm every living being, the unique individuals they are, as members of an anti-reductionist union of egoists that includes all living flora, fauna and mineral individuals. My desires are drawn towards the liberation of all individuals. Ecological welfare, being my welfare and my self-interest, is drawn towards the well-being of all life and the destruction of anthropological-machinery that represses their lives – and mine. This is total liberation, not as some revolutionary Humanistic Cause, but as desiring-creation/life. [...] To affirm the individual is to destroy the species.” Julian Langer, *Op. Cit.*, 2021, s.p. Tradução nossa.

do pacto social. Por isto o seu papel é tão diverso: porque passa pelo gozo, pelo desespero, pelo riso e pela guerra.

O devir-animal é a expressão correta do diagnóstico que o pós-anarquismo fez do egoísmo – este é a recusa de toda dualidade, e seu rompimento, uma influência para jogar luz em toda forma de autoritarismo e essencialismo ontológico:

O pós-anarquismo não equivale ao niilismo moral e ao subjetivismo ético, nem mesmo à filosofia do egoísmo de Stirner, que prescinde de uma ética, oferecendo margem a certas formas de solidariedade social, implícitas em sua noção de associação dos egoístas. Desta forma, o pós-anarquismo faz uma intervenção importante explorando os contornos éticos-políticos do pensamento antiautoritário contemporâneo.¹⁶

Nesse contexto, representa o findar da distinção entre humano e não-humano, um devir da pura potência de *ser vivo*. É, ultimamente, uma distinção ontológica. É possível falar, aqui, na superação de duas dicotomias mais políticas: misantropia e Humanismo; primitivismo e transumanismo. Além do homem, mas também além do não-homem; além da civilização e da anti-civilização.

Dessa forma, o devir-animal de Julian Langer é uma ferramenta imprescindível para explorar as veredas da individualidade e para ir além das noções tradicionais de sujeito. Afim de acelerar as pulsões egoístas do pensamento Stirneriano as noções de individualidade devem ser radicalmente criticadas, usando a crise do antropoceno como uma de suas bases não só de diagnóstico, mas também de solução.

O egoísta –aquele que busca afirmar a própria individualidade ao destruir criativamente todo conceito (ideia fixa) existente –necessariamente deve perceber as ideias fixas que existem dentro da própria individualidade. Para ele, então, alguns conceitos que podem parecer óbvios deverão ser reavaliados e aniquilados. Isso abre uma porta ampla de sentidos em que os limites de tais noções e os seus usos dependerão apenas da criatividade e das necessidades dos indivíduos (humanos e não-humanos) que as cocriam. Dentro dessa reflexão, não

¹⁶ Roberto Vieira Júnior, *Pós-estruturalismo e Pós-anarquismo: conexões*, 2012, p. 34.

apenas o ódio (ou amor) à humanidade se revelam como ideias fixas, mas também a própria categoria da humanidade em si.

Cada rebelião particular almeja um desafio a algum aspecto específico do maquinário antropológico, enquanto rejeita outros. Abraçar uma rebelião contra todo maquinário antropológico é abraçar a libertação total, como uma libertação de toda-Coisa – toda-Coisa que constitui a Realidade Coisa-Humana, um abraço niilista de Coisa-nenhuma.¹⁷

4. Além do devir-animal, além do não-humano

Ao romper com a perspectiva da dualidade entre humanidade e animalidade, entre misantropia e Humanismo, o devir-animal permite o encontro das individualidades que permeiam o real; dessa maneira podemos aceitá-las como elas são, não as definindo a partir de uma categoria transcendente do especismo e do ser-espécie. É, pois, uma forma de individualismo radical que admite certa qualidade (aqui entendida como a capacidade de relação intersubjetiva) de todos os seres vivos.

Apenas quando afirmamos seu ser-individual, a individualidade do último rinoceronte branco, por exemplo, é que os indivíduos encontram uma experiência de valor existencial e de apreciação estética. Esta afirmação do indivíduo através da destruição do ser-espécie transcendental atribuído a ele é a sua subscendência – um holismo reverso que é ainda mais intensamente antirreducionista do que o holismo que usualmente encontramos.¹⁸

No entanto, alguns obstáculos são encontrados: o devir-animal não é suficiente, pois partilhemos a realidade com outros tipos de individualidades além daquelas que são tecnicamente *seres vivos*. Para se afirmar indivíduo não é preciso apenas destruir a espécie, como afirma Julian Langer: é preciso superar

¹⁷ “Each particular rebellion seeks to challenge a specific aspect of anthropological machinery, while often retaining all others. To embrace a rebellion against all anthropological machinery is to embrace total liberation, as liberation from every-Thing – every-Thing that constitutes Human-Thing Reality, or a nihilist embrace of no-Thingness.” Julian Langer, *Op. Cit.*, 2021, s.p. Tradução nossa.

¹⁸ “Only when we affirm their being-individuals, the individuality of the last northern whiter hino for instance, do individuals encounter na experience of existential value and aesthetic appreciation. This affirmation of the individual through the destruction of the transcendental species-being attributed to the missubscendence – a reverse holism that is even more intenselyanti-reductionist than holism as we usually encounter.” *Ibidem*, s.p. Tradução nossa.

a noção de individualidade como algo que pertence apenas ao que é vivo e/ou orgânico. O que isso quer dizer, e o que fazer nessa circunstância?

Quais seriam, então, essas individualidades além dos seres vivos? Além dos espíritos e de outras entidades metafísicas-religiosas, um exemplo mais próximo é o das inteligências artificiais – a individualidade cibernética: os robôs. Essas máquinas inteligentes são um amigo e um inimigo antigo, especialmente do anarquismo; sua presença, em regra, significa que os empregos desaparecerão, os salários irão diminuir e o caos social estará um passo mais próximo.

O que nós iremos fazer então? Iremos destruir as máquinas, como os Ludistas? Iremos perseguir os inventores, como Elizabeth? Nós amamos tanto o trabalho que não preferimos que as máquinas o façam, ao invés da gente? Não muito.¹⁹

O afeto ludista é algo que desde sempre esteve intrinsecamente conectado à experiência libertária, especialmente no âmbito trabalhista. A frase acima, retirada do pequeno panfleto intitulado *Quando os robôs nos despedirem* (2019), da Federação dos Anarquistas da Bulgária, é um ótimo exemplo disso. A Federação defende a expropriação dos meios de produção pela classe trabalhadora, tornando os robôs, implicitamente, propriedades do povo.

No entanto, outras formas de vivenciar tais relações podem ser trabalhadas. O crescente uso de robôs em âmbito doméstico permitiu o surgimento do que é chamado de *social robotics*: o estudo e a aplicação de robôs que interagem socialmente com humanos, obedecendo comandos e regras comportamentais afetivas e sociais.

Robôs sociais são planejados para interagir com pessoas em termos humano-centrados e para operar em ambientes humanos ao redor de pessoas. Vários robôs sociais são humanoides ou em formas de animais, ainda que este não precise ser o caso. Uma característica que os unifica é a de que robôs sociais se engajam com pessoas de forma interpessoal,

¹⁹ “What will we do then? Will we destroy the machines like the Luddites? Will we chase out the inventors like Elizabeth? Do we love work so much that we don’t want machines to do it instead of us? Barely.” IAF, Federação dos Anarquistas da Bulgária, “When the Robots Fire us”, 2019, s.p. Tradução nossa.

comunicando e coordenando seu comportamento com outras pessoas através de formas verbais, não verbais e modalidades afetivas.²⁰

Em uma era de crescente solidão, as máquinas cibernéticas surgem como uma possibilidade de contato afetivo. Além disso, suas aplicações podem ser menos bucólicas, sendo utilizadas dentro do âmbito escolar e doméstico para auxiliar na educação de crianças ou no cuidado de idosos, por exemplo. No que isso implica para a noção de individualidade?

Enquanto se expõe, aqui, a necessidade de ter uma visão mais inclusiva e plástica sobre o que a individualidade pode ser, o mundo demonstra isso de forma prática, colocando toda a presente discussão em xeque em um caso prático real. Se animal, robô e espírito podem ser individualidades, o que acrescentar de importância a uma situação em que isso ocorreu de fato? Quais conclusões acerca da possibilidade de cocriação das noções e práticas da individualidade podem ser retiradas disso?

No ano de 2018, na cidade de Isumi (na província de Chiba, Japão), o templo Kofuku-Ji, existente a 450 anos, realizou um funeral budista tradicional para 114 cachorros robôs *Aibo*, da marca Sony, com monges em robes tradicionais citando sutras e oferecendo orações para os cachorrinhos cibernéticos que morreram. Tal ocasião, que foi tratada com o mais absoluto respeito e empatia, teve todas as características de qualquer funeral japonês. Foi que reportou o jornalista Craig Lewis para o site de notícias *Buddhistdoor global* em 2018.

O templo histórico budista *Kofuku-Ji* na cidade costeira de Isumi recentemente conduziu ritos funerários solenes para 114 icônicos cachorros robôs “*Aibo*” da Sony, com monges em roupas tradicionais cantando sutras e oferecendo orações para os filhotinhos de plástico recém falecidos. Reconhecer a impermanência de todos os fenômenos compostos é um dos princípios fundamentais do Budismo, e este claramente inclui cães cibernéticos. Quando a primeira geração do *Aibo* chegou às lojas em 1999, este fora propagandeado como uma inovação mundial – um robô para entretenimento doméstico que poderia desenvolver sua própria

²⁰ “Social robots are designed to interact with people in human-centric terms and to operate in human environments alongside people. Many social robots are humanoid or animal-like in form, although this does not have to be the case. A unifying characteristic is that social robots engage people in an interpersonal manner, communicating and coordinating their behavior with humans through verbal, nonverbal, or affective modalities.” Cynthia Breazeal, Kerstin Dautenhahn e Takayuki Kanda, “Social Robotics”, 2016, p. 1936. Tradução nossa.

“personalidade”. A Sony reportou uma venda de mais de 150.000 cachorros robôs em vários modelos e updates até quando a companhia interrompeu a sua produção em 2006.²¹

Tal acontecimento levou a empresa de reparos eletrônicos *A-Fun*, que prestava serviços de conserto dos bichinhos eletrônicos, a organizar ritos funerários para os donos interessados ao redor do Japão. Ao todo, mais de 800 robôs foram enviados para receber suas últimas bênçãos e preparar a jornada para a próxima vida. No entanto, há uma reviravolta nessa história: o rito funerário prestado no templo fora a etapa final para preparar sua reencarnação cibernética, pois após a bênção budista os robôs são desmantelados e suas partes são reutilizadas na construção e na manutenção de outros robosinhos. É o que explica Scott Neuman para o site de notícias NPR:

[...] esses *Aibos* se tornam doadores de órgãos – mártires para o bem maior do que é, de fato, uma espécie em extinção. Antes de alcançarem o Nirvana dos cachorros robôs, no entanto, a *A-Fun* os dá uma despedida de heróis: ao todo, a companhia já “enterrou” mais de 800 *Aibos* dessa maneira, todos de Kofukuji na prefeitura de Chiba, perto de Tóquio.²²

Era a partir desse ato de enterro e reutilização das partes que outros robôs ganhavam mais tempo de vida. Suas partes tecnológicas eram reutilizadas na construção e no reparo de outros robôs, ao mesmo tempo que a sua individualidade – e a de seus donos – era respeitada.

A sua inclusão em um rito religioso, dessa forma, é notável: naquele momento, eles não participavam em uma mera relação entre possuidor (dono) e posse (robô), mas em um contexto ainda maior ao incluírem, em si, as individualidades metafísicas e religiosas do rito budista, não apenas como

²¹“The historic Buddhist temple Kofuku-ji in the coastal city of Isumi recently conducted solemn funeral rites for 114 of Sony’s iconic “Aibo” robotic dogs, with priests in traditional robes chanting sutras and offering prayers for the departed plastic puppies. Recognizing the impermanence of all compounded phenomena is one of the fundamental tenets of Buddhism, and that of course includes cybernetic canines. When the first generation of Aibo hit stores in 1999, it was marketed as a world first—a robot for home entertainment that could develop its own “personality.” Sony reportedly sold more than 150,000 robot dogs in various iterations and updates before the company stopped production in 2006.” Craig Lewis, “Japanese Buddhist Temple Holds Funeral for Defunct Robot Dogs”, 2018, s.p. Tradução nossa.

²² “In effect, these Aibos become organ donors – martyrs for the greater good of what is, alas, a dying breed. Before they go to robodog nirvana, however, A-Fun gives them a hero's farewell. In all, the company has sent off about 800 Aibos in this way, all from Kofukuji in Chiba Prefecture near Tokyo.” Scott Neuman, “In Japan, Old Robot Dogs get a Buddhist Send-Off”, 2018, s.p. Tradução nossa.

entidades materiais, mas também espirituais. Tudo isso enquanto seus corpos materiais eram, literalmente, desconstruídos e reconstruídos, e seus corpos espirituais, ou individualidades, preparados para o renascimento no Samsara e na memória de seus donos. Sobre essa questão, Neuman apresenta um trecho de uma fala do CEO da A-Fun, Nobuyuki Norimatsu, que simplifica o ocorrido: “Nós gostaríamos de retornar as almas para os donos e de fazer uma máquina para reutilizar as partes dos robôs. [...] Nós não pegamos suas partes antes de realizar um funeral para eles”²³.

A individualidade, nesse caso, é posta em xeque como conceito e como prática, sendo reconstruída de forma coletiva em relações interdependentes que envolvem diferentes esferas: religiosas, familiares, econômicas, tecnológicas. Sobre o tema, Neuman traz a fala de Bungen Oi, monge budista encarregado do templo e que organizou o rito funerário pouco ortodoxo. Este tratara a situação com o mais alto respeito, afirmando: “Todas as coisas possuem um pouco de alma”²⁴.

Talvez exista maior facilidade em um país de cultura budista na aceitação da existência e da individualidade de algo tão singelo como um cachorro robô, mas tal acontecimento é o exemplo perfeito para demonstrar as conexões fortíssimas que existem entre todos os tipos de existências — e todos os tipos de individualidades. Estas não existem como conceitos fixos, mas são reexperimentada de formas dinâmicas através de vontades e criatividade dos inúmeros sujeitos inseridos em diversos contextos socioculturais.

O *devir-animal* de Julian Langer e seu eco-egoísmo não conseguem (e nem poderiam) abarcar toda a miríade de afetos que transpassam toda a experiência da realidade. Nesse evento, tão belo e único, homem, animal, robô e espírito se convergem em uma assimilação de emoções, ao mesmo tempo que a individualidade de todos ali presentes são respeitadas. Ela transpassa não apenas

²³“We'd like to return the souls to the owners and make the robot a machine to utilize their parts,'says A-Fun CEO Nobuyuki Norimatsu. 'We don't take parts before we hold a funeral for them'.”

Ibidem, s.p..Tradução nossa.

²⁴ “All things have a bit of soul”. *Ibidem*, s.p.Tradução nossa.

o vivo, mas o imaginário, criando agentes dos quais a mera existência pode ser questionada por outros espectadores – o que não ocorre, porém, com as suas individualidades.

É justamente por serem tão nitidamente distintas que as individualidades conseguem convergir de forma heterogênea em uma totalidade plástica, que passa por noções que nem ao menos conseguimos imaginar. Stirner apresenta tal ponto ao expor a condição egoísta da aniquilação do espírito, que o reduz a uma criação de si mesmo que deve ser superada para permitir novos frutos criativos egoístas: “Ao elevar-me assim à posição de eu-proprietário (*Eigner*) do mundo, propiciei ao egoísmo sua primeira e plena vitória: ele tinha superado o mundo, ficou sem mundo”²⁵.

É isto que ocorre em tal funeral: o mundo se perde, o espírito é aniquilado e toda noção ortodoxa de espiritualidade é destruída e cocriada de forma sem precedentes. Nessa ocasião, a *União dos Egoístas* alcançou escalas gigantescas: seu espaço fora o próprio Samsāra. Os cachorros robôs estavam em um ciclo que se conecta com o nosso e com outros – que se conectam ao primeiro. Como maravilhosamente articulado por Bungen Oi, se todas as coisas possuem um pouco de vida, tudo também possui um pouco de individualidade. E o limite de tal individualidade é plástico, pois é dependente da criatividade e da necessidade de alguém com o intuito de a superar: implica em uma aniquilação do espírito.

O mesmo se passa com o espírito. Apenas quando eu conseguir degradá-lo à condição de espectro e reduzir seu poder sobre mim à condição de mera obsessão, só então poderei vê-lo como dessacralizado, desconsagrado e desdivinizado, e nesse momento farei uso dele como se faz uso da natureza a nosso bel prazer.²⁶

É a partir disso que um olhar mais transversal à noção de individualidade pode ser realizado, contextualizando o pensamento anarco-egoísta de Max Stirner em um espaço em que a luta pela existência é atravessada em todas as dinâmicas dos corpos, sejam estes humanos, não-humanos ou algo além disso. Paradoxalmente, o seu corpo teórico vibrante da afirmação do Eu serve como

²⁵ Max Stirner, *Op Cit.*, 2009, p. 123.

²⁶ *Ibidem*, p. 125.

uma luva para uma reflexão harmoniosa sobre o que pode significar a multiplicidade das conexões e cocriações que existem no mundo.

A individualidade como ideia fixa implica a superação individual e coletiva dos sujeitos e entidades, que as ocupa e se apropriam da maneira que lhes for mais agradável. Isso é possível ao se compreender como constituído de *nada* – a instância após a aniquilação do espírito, o gerador das criações espirituais humanas (os conceitos, noções, ideias e tudo o mais que parte da consciência). “Eu, que sou esse nada, farei nascer de mim mesmo as minhas criações”²⁷. É, assim, uma reconquista da posse da noção de individualidade, que será reavaliada e reconstruída criticamente através desses espaços de coexistência e cocriação: a *União dos Egoístas*.

Os espaços ecológicos (mas também os virtuais, espirituais, sexuais, políticos, etc.) podem ser resgatados em uma dinâmica de coexistência, em que a reflexão egoísta serve como bomba-relógio para destruir e reconstruir a individualidade e o seu papel. Uma nova união dos egoístas é possível ao percebermos que o mundo é recheado de multiplicidades individuais; a individualidade é um espaço aberto que povoa o real, chocando-se constantemente e recriando-se de maneiras infinitas.

Se quisermos libertar o mundo de tanta falta de liberdade, não o fazemos por amor a ele, mas por amor a nós: pois, uma vez que não somos salvadores do mundo por profissão ou por “amor”, tudo que queremos é roubá-lo a outros. Queremos que ele se torne coisa própria, nossa; [...] *No momento em que o mundo for nosso, deixará de exercer violência contra nós e passará a exercê-la conosco*. Meu egoísmo tem um interesse particular na libertação do mundo, para que este se torne...minha propriedade.²⁸

Independentemente de como olhemos, tudo é rodeado de individualidade: eu mesmo e minhas relações, o outro e suas relações. São essas as conexões que, ao serem experimentadas em formas mais consensuais e criativas, permitem uma complexificação do olhar e do diagnóstico que se volta à nós mesmos, como uma

²⁷*Ibidem*, p. 302.

²⁸*Ibidem*, p. 394-395. Grifo nosso.

bomba que força a reavaliação de nossas próprias condições e de nosso próprio olhar.

5. A reconstrução egoísta da categoria da individualidade

Conforme o que já vimos, é possível compreender que o Egoísmo Stirneriano não é a mera equivalência de suas definições ordinárias; muito menos o mero ato de colocar a si mesmo em posição de superioridade em relação aos demais. Não é uma noção moral ou um aspecto meramente psicológico (ainda que se aproxime deste), como um solipsismo em que sempre se busca ultimamente o próprio bem, as próprias realizações de forma definível e acrítica.

É, afinal, um projeto ontológico. É um trajeto na direção de possuir a si mesmo, se tornar *mestre de si mesmo*, autoafirmar sua potência de forma libertária em relação ao mundo. Nos termos do próprio Stirner, é o que ele chama de *Eigner* (proprietário-de-mim).

Minha liberdade só será perfeita quando for o meu...poder, mas, tendo este, deixo de ser simplesmente livre e passo a ser “proprietário-de-mim” (Eigner). [...]O poder é uma coisa bela e útil em muitas situações; porque “com uma mão-cheia de poder vai-se mais longe do que com um saco cheio de direitos.”²⁹

A emancipação do Único decorre desta progressão dialética do apropriar-se do mundo, se cristalizando no ser que se torna proprietário de si mesmo – o indivíduo em sua individualidade vazia de essência, em seu caráter mais singular, além da liberdade tradicional e de uma afirmação da potência e dinamicidade do próprio Eu. Ou seja, a capacidade de exercer domínio sobre si mesmo e de evitar ser dominado por agentes estranhos ao Único (outros indivíduos e espectros).

Isso implica uma meditação crítica dos limites da própria consciência e do próprio corpo, junto a uma contínua exploração dos limites dos objetos, transformando-os em *propriedade* – nesse caso, transformando o uso e a

²⁹*Ibidem*, p. 215-216.

definição de individualidade em propriedade individual e coletiva. Uma abertura criativa para explorar o existente.

Porém esquece-se de que o poder tem de continuar para que também se possa afirmar, ou melhor: que o poder não é algo que existe em si, mas que apenas tem existência no eu-de-poder em mim como detentor desse poder.³⁰

A causa egoísta em Stirner é definida pela mesma frase que ele usa para abrir e fechar sua obra: é a causa de nada; o vazio como essência. É navegar no mar do possível para se afogar na imensidão da possibilidade, reconstruindo as descobertas como parte de si mesmo e, assim, abrindo caminhos para se tornar proprietário de si mesmo.

Nada é a causa de Deus e da Humanidade, nada a não ser eles próprios. Do mesmo modo, Eu sou minha causa, eu que, como Deus, sou o nada de todo o resto, eu que sou o meu todo, eu que sou o único [...]o nada criador, o nada a partir do qual eu próprio, como criador, tudo crio.³¹

O objetivo final não é satisfazer o *Eu* descobrindo suas causas psicológicas e seus limites. O objetivo é, meramente, ser. É encontrar deleite no contínuo esforço que é permanecer existindo através do apropriar-se. Uma expansão externa como alusão à própria conquista da descoberta interna, dependente então do ato da cocriação: isto é, as uniões entre indivíduos na apropriação do mundo, chamadas por Stirner de *União dos Egoístas*.

Apropriemo-nos delas, porque só assim elas serão nossa propriedade; também a propriedade que agora nos é negada foi parar nas mãos de seus proprietários porque eles se apoderaram dela. E ela será muito mais útil se estiver nas mãos de todos nós do que se forem apenas alguns poucos a desfrutar dela. Associemo-nos então para levar a cabo este roubo.³²

É, assim, um Egoísmo Ontológico que existe como uma potencialidade de tudo que possui individualidade, que pode ser descoberto e experienciado de diversas formas. O limite é a própria ação, e sua definição sempre será, ultimamente, intersubjetiva.

Sou proprietário do meu poder, e sou-o ao reconhecer-me como único. No único, o próprio proprietário regressa ao nada criador de onde proveio.

³⁰*Ibidem*, p. 356.

³¹*Ibidem*, p. 11-12.

³²*Ibidem*, p. 322.

Todo o ser superior acima de mim, seja ele Deus seja o homem, enfraquece o sentimento de minha unicidade e empalidece apenas diante do sol desta consciência. Se minha causa for a causa de mim, o único, ela se assentará em seu criador mortal e perecível, que a si próprio se consome. Então poderei dizer: Minha causa é a causa de nada.³³

A passagem de *indivíduo* para *individualidade* implica a sua separação como esfera de ação: o sujeito que contém multitudes em si e as identifica nos demais sujeitos, sejam estes vivos ou não, trata a individualidade como um material plástico passível de alterações, e todos os agentes como possíveis egoístas aliados. A individualidade, então, na causa egoísta, é vista como uma propriedade: seus limites, usos e definições são intersubjetivos, e não dados como um fato objetivo pela sociedade.

Sendo plástica, mas também intersubjetiva, essa individualidade necessita de reajustes, refinamentos, desconstruções, acordos e explorações que sejam do interesse dos envolvidos nas cocriações – das Uniões dos Egoístas. Ultimamente, a noção de individualidade não será subjetiva, mas intersubjetiva e flexível, a depender das necessidades e dos contextos dos egoístas envolvidos em determinada relação. Egoístas, nesse contexto, necessariamente entendidos como agentes, podendo ser animais humanos e não-humanos, seres reais ou imaginários.

6. Considerações finais

A individualidade egoísta se apresenta como uma resposta ao individualismo atomista de nossa época. Para combater os problemas advindos deste não se deve recusá-lo ou negá-lo, criando concepções holísticas como o criticado por Julian Langer. Se deve reconquistar tal noção em espaços voluntários de ação para utilizá-la de uma forma que seja benéfica para todos, enquanto tais espaços durarem.

³³*Ibidem*, p. 472.

Ao identificar o individualismo como um problema de nossa época, o Egoísta Stirneriano não o recusa em prol de outro espectro, mas, sim, se apropria criativamente de seus usos e explora seus limites com outros egoístas. Para repensarmos os problemas éticos, econômicos e ecológicos da contemporaneidade, é preciso repensar o que tais conceitos significam e podem representar, ao invés de buscar sua total negação.

O devir-animal é um esboço, uma parte do retalho da grande manta egoísta que devemos reconstruir nas capilaridades que povoam o real. Desta forma, é possível compreender que, partindo do pensamento de Max Stirner, uma práxis combativa e de libertação pode ser repensada como forma de engendrar novas formas políticas e existências de cocriação humana e não-humana, partindo de uma experimentação do que é, de fato, a condição do existir.

O Egoísta, tal como é apresentado pelo autor alemão, não pode ser delimitado pelo mero individualismo: este não contém todas as suas pulsões vitalistas criativas. Tal reflexão é corroborada filosoficamente por reflexões como as do Transcendentalismo americano de Walt Whitman e do devir-animal de Julian Langer, como também pela transformação de partes da individualidade em dados algorítmicos vista em Byung-Chul Han.

O indivíduo não é uma experiência única – nem do próprio indivíduo, nem da humanidade: ele é posto em xeque, sendo constantemente reformulado à luz das necessidades cocriadas dos agentes em cada contexto. O contexto teórico abarcado neste trabalho frente à análise do ocorrido em Isumi demonstra as diversas possibilidades heterogêneas que o Egoísmo Stirneriano propicia.

Compreendendo a individualidade egoísta a partir da reflexão ecológica do devir-animal no caso prático do enterro budista na cidade de Isumi, é possível criar linhas de ação e de reflexão como resposta a problemas socioeconômicos e ecológicos da contemporaneidade. A individualidade como um conceito plástico e intersubjetivo – que escapa do humano e do real atingindo o não-humano e o imaginário – permite que ações e debates voluntários e benéficos ocorram entre

esferas que pareciam desconexas em um primeiro momento, como a religiosa e a ecológica, a cibernética e a jus-política.

No exemplo do enterro budista em Isumi, tal cerimônia é criticada na forma mais violenta: a individualidade pode ser lida, assim, como uma experiência plástica que transpassa as limitações materiais, sendo ao mesmo tempo parte do sujeito, ele mesmo e sua propriedade, em uma rede complexa de relações intersubjetivas. Budas, Bodisatvas, monges, espíritos, engenheiros, consumidores, robôs e CEOs cocriaram em tal *União dos Egoístas* uma noção de individualidade única na história. Reconhecer a expansão possível no número de agentes possíveis em dada situação permite que respostas mais complexas e refinadas sejam elaboradas.

Tradição religiosa, animalidade, luto e cibernética se encontram em um amálgama expansivo, demonstrando que não apenas a *individualidade* é uma ideia fixa, mas que a própria *coletividade* também o é. Recusar as suas existências não implica uma terceira posição, mas, sim, o reconhecimento de que sendo essas propriedades, elas podem ser algo muito além do que aparentam ser possível. Poderão ser –e serão –recriadas existencialmente em alianças de sentido e de poder com outros futuros egoístas, em um processo perpétuo de resistência ao aprisionamento do sentido frente a uma libertação de toda e qualquer ontologia fixa.

Referências

BREAZEAL, Cynthia; DAUTENHAHN, Kerstin; KANDA, Takayuki. Social Robotics. In: SICILIANO, Bruno; KHATIB, Oussama (Org.). *Springer Handbook of Robotics*. Springer: Cham, 2016.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

IAF, Federação dos Anarquistas da Bulgária. When the Robots Fire Us. *The Anarchist Library*, 2019, s.p. Disponível em:

<https://theanarchistlibrary.org/library/federation-of-anarchists-in-bulgaria-when-the-robots-fire-us>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ISAAK, Jim; HANNA, Mina J. User Data Privacy: Facebook, Cambridge Analytica, and Privacy Protection. *Computer*, v. 51, n. 8, p. 56-59, 2018.

KASSICK, Clovis N. *Stirner: a Filosofia do Eu*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

LANGER, Julian. An Eco-Egoist Destruction of species-being and speciesism. *The Anarchist Library*, 2021, s.p. Disponível em:

<https://theanarchistlibrary.org/library/julian-langer-an-eco-egoist-destruction-of-species-being-and-speciesism>. Acesso em: 28 jun. 2021.

LEWIS, Craig. Japanese Buddhist Temple Holds Funerals for Defunct Robot Dogs. *Buddhist Door Global*, 2018, s.p. Disponível em:

<https://www.buddhistdoor.net/news/japanese-buddhist-temple-holds-funerals-for-defunct-robot-dogs>. Acesso em: 28 jun. 2021.

NEUMAN, Scott. In Japan, Old Robot Dogs Get a Buddhist Send-Off. *NPR*, 2018, s.p. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2018/05/01/607295346/in-japan-old-robot-dogs-get-a-buddhist-send-off>. Acesso em: 28 jun. 2021.

NEWMAN, Saul. Guerra ao Estado: o Anarquismo de Stirner e Deleuze. *Verve*, São Paulo, n. 8, p. 13-41, 2005.

ORNELAS, Rodrigo. Max Stirner, os limites do sujeito na esquerda hegeliana e um ponto de virada na filosofia. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 159-170, 2015.

SINGER, Peter. *Libertação animal: O clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

STIRNER, Max. *O único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIEIRA JÚNIOR, Roberto. *Pós-estruturalismo e Pós-anarquismo: conexões*. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

WELSH, John F. *Max Stirner's Dialectical Egoism: a new interpretation*. Plymouth: Lexington Books, 2010.

WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass*. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 2007.

Referência para citação deste artigo

LIMA, Newton de Oliveira; e MESQUITA, Guilherme Castro Nunes. Além do devir-animal: a cocriação egoísta da individualidade em um enterro budista de cachorros robôs. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 313–337, dezembro de 2021.